

RESUMO - SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA

DERIVA X CRIOLIZAÇÃO: CISÕES NO PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO DA SOCIOLINGUÍSTICA BRASILEIRA

Wellington Santos Da Silva (wellington.santos.silva@usp.br)

O presente trabalho tem como objetivo analisar as aparentes cisões observadas no Programa de Investigação da Sociolinguística brasileira, rupturas provocadas pelo debate deriva x crioulização. Os conflitos em torno de hipóteses acerca da formação histórica do português brasileiro (PB) remontam, pelo menos, à primeira metade do século XX, quando lideranças intelectuais do campo da Filologia insurgiam-se contra os proponentes da tese da “língua brasileira”, fundamentados, sobretudo, na influência das línguas africanas. Não obstante a diversidade de propostas teóricas sobre o tema, a Filologia e a Linguística brasileiras dos séculos XX e XXI parecem convergir fortemente em torno de uma delas, qual seja, a hipótese da deriva linguística. Tal modelo teórico é o fio condutor da interpretação do PB oferecida por Silva Neto (1950), Camara Jr. (1975) e Naro e Scherre (1993, 2007), respectivamente, um filólogo, um linguista estruturalista e dois sociolinguistas, isto é, lideranças vinculadas a diferentes programas de investigação científica (LAKATOS, 1970). É possível observar que, de maneira geral, a hipótese da deriva é aventada a fim de problematizar a hipótese da crioulização do PB, fortemente defendida, na

segunda metade do século XX, por Gregory Guy (1981), também representante do Programa de Investigação da Sociolinguística. Nas críticas feitas a Guy (1981), protagonizadas sobretudo por Tarallo (1993) e Naro e Scherre (1993), - também representantes da Sociolinguística -, combate-se a alegada falta de consistência científica e empírica da hipótese de crioulização, em comparação direta com a tese de mudança imanente. Não obstante a renitência do modelo de deriva no âmbito das principais lideranças da Sociolinguística brasileira, o trabalho de Lucchesi (2012), à luz do conceito de transmissão linguística irregular - intimamente ligado à tese da crioulização -, propõe uma inversão das forças do conflito, classificando a hipótese da deriva como uma “excrecência teórica”, para a qual faltariam fundamentos científicos sólidos. Além disso, a todo momento, o autor, de filiação sociolinguística, faz duras críticas a Naro e Scherre (1993, 2007) - seus companheiros de programa de investigação -, por reabilitarem os pressupostos estruturalistas de mudança. Tendo em vista a complexidade do conflito, que coloca em polos opostos membros de um mesmo programa de investigação e, do mesmo lado, lideranças de programas extremamente opostos, valemo-nos dos estudos realizados no âmbito da Historiografia e da Epistemologia da Linguística, os quais revelam que o desenvolvimento das teorias e práticas linguísticas também são permeadas por posicionamentos ideológicos, explícitos e/ou implícitos (SWIGGERS, 2019). Deste modo, o objetivo deste trabalho é mapear como as ideologias linguísticas se manifestaram no debate deriva x crioulização, analisando principalmente as diferentes compreensões de “cientificidade” defendida pelos atores envolvidos na querela. Para tanto, à luz da comparação dos textos representativos, faremos uma análise centrada nas camadas teórica e contextual do conhecimento linguístico (SWIGGERS, 2019). Como conclusão, mostraremos que o elemento deflagrador do debate consiste na concepção de crioulo recepcionada e assumida pela Sociolinguística brasileira.

Palavras-chave: deriva; crioulização; programas de investigação; ideologias linguísticas.